



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO



O Conflito de Alto Alegre Na Memória dos Canela

Osvaldo Pessoa Cavalcante





UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
– UEMA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E
PÓS-GRADUAÇÃO – PPG PROGRAMA DE
PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGHIST**



Este paradidático foi elaborado como Produto Educacional do Mestrado Profissional em História/PPGHIST da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA, sob orientação da Prof.^a Dr^a Franc Lane Sousa Carvalho do Nascimento.

Cavalcante, Osvaldo Pessoa.

O conflito de Alto Alegre na memória dos Canelas [recurso eletrônico] / Osvaldo Pessoa Cavalcante. – São Luís, 2026.

1 arquivo eletrônico (PDF) : il.

Produto Educacional da Dissertação: “Entre silenciamentos, esquecimentos e memória: a participação dos indígenas Canela no Conflito de Alto Alegre segundo sua oralidade”.

Orientação da Profa. Dra. Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento.

1. Memória. 2. Povos indígenas. 3. Canela. 4. Oralidade. 5. Silenciamento. 6. Produto educacional. I. Título.

CDU 94(812.1) (=1.81)

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837

Lista de imagens

Imagem 01: Indígenas reunidos no pátio da aldeia - Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Imagem 02: Cerimônia tradicional no pátio da aldeia - Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Imagem 03: Cena de aprendizado no espaço central da aldeia - Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Imagem 04: Igreja Santa Cruz de Barra do Corda - Fonte: Diocese de Grajaú.

Imagem 05: Repressão aos Guajajaras com apoio dos Canela - Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Imagem 06: Indígenas Canela entoando cantos e tocando instrumentos tradicionais durante a recuperação de Alto Alegre - Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Imagem 07: Representação do maracá, instrumento ritualístico de grande importância para o povo Canela - Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Imagem 08: Mensageiro lendo a carta no pátio da Aldeia - Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Imagem 09: Indígenas Canela se dirigindo para Barra do Corda após sua convocação - Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Imagem 10: Indígenas Canela reunidos com as forças policiais em Barra do Corda. Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela

Imagem 11: Recuperação de Alto Alegre pela perspectiva de Ricardo Kutakrê Canela

Lista de mapas

Mapa 01: Terra indígena Kanela, Terra indígena Porquinhos e Núcleos Sertanejos

Mapa 02: Alto Alegre

Sumário

UNIDADE 1

MENSAGEM AOS(ÀS) PROFESSORES(AS),
ESTUDANTES E LEITORES(AS) EM GERAL.....05

QUEM SÃO OS CANELAS?.....07

1.1 Entendendo o território como parte da
identidade.....08

1.2 Apaniekrá e Ramkokamekrá-Canela.....10

1.2.1 A vida na aldeia: o pátio central, os
rituais e as festas.....12

1.3 O papel da oralidade: a memória viva dos
anciões.....15

UNIDADE 2

O CONFLITO DE ALTO ALEGRE (1901)....19

2.1 O que foi o Conflito de Alto Alegre.....20

2.2 As diferentes versões: Igreja, Guajajara e
Canela.....23

2.3 Canela em marcha: a participação dos indígenas
Canela na repressão ao Levante de Alto Alegre nos
registros da imprensa e da historiografia.....27

2.4 A memória dos indígenas Canela sobre o
Conflito de Alto Alegre em suas narrativas orais..36

2.5 Por que os Canela lutaram ao lado dos
sertanejos?.....52

2.6 O silêncio na escola: por que não aprendemos
essa história?.....54

REFERÊNCIAS.....58

MENSAGEM AOS (ÀS) PROFESSORES(AS), ESTUDANTES E LEITORES(AS) EM GERAL.

Caros professores, queridas professoras, estudantes e leitoras e leitores, é com grande carinho, responsabilidade e esperança que apresentamos este livro paradidático. Ele nasce do desejo profundo de transformar o modo como olhamos para a história e para os povos indígenas no Brasil, especialmente para os Canela, um povo vivo, forte, guardião de memórias, saberes e resistências.

Durante muito tempo, os povos indígenas foram apresentados nos livros escolares como personagens do passado, como se não existissem mais ou como se estivessem parados no tempo. Esse tipo de narrativa é injusta e perigosa: ela silencia vozes, apaga lutas e impede que gerações inteiras conheçam a riqueza da diversidade que constrói o Brasil.

Este livro vem para caminhar na contramão desse apagamento. Ele propõe uma escuta atenta e respeitosa. Propõe uma educação que valoriza a pluralidade e a memória coletiva. Ele é um espaço de diálogo entre a escola e a vida, entre a história oficial e as histórias que resistem nos corpos, nas palavras e nos territórios indígenas.

Aos professores e professoras:

Este material é um instrumento para fortalecer seu trabalho em sala de aula. Aqui vocês encontrarão conteúdos baseados em fontes orais e documentais, cuidadosamente tratados com o rigor acadêmico e a sensibilidade pedagógica que o tema exige. Que ele possa inspirar práticas mais inclusivas e comprometidas com a justiça histórica. Que cada atividade, cada reflexão proposta, seja também um convite à escuta, à empatia e à transformação.

Aos estudantes:

Este livro quer conversar com vocês, provocar perguntas e ampliar os horizontes. Quer mostrar que existem muitas formas de viver, muitas formas de lembrar, muitas formas de contar uma história. Aqui, vocês vão conhecer um povo que canta, dança, celebra e também resiste. Um povo que, como vocês, sonha com um futuro melhor, mas sem esquecer de onde veio.



Aos leitores e leitoras em geral:

Esperamos que esta leitura seja uma experiência de aprendizado e de reencontro. Reencontro com a diversidade do nosso país, com as histórias que nos foram negadas, com a força da oralidade e da memória. Que este livro toque seu coração e desperte em você o desejo de contribuir para um mundo mais justo, onde todas as culturas sejam respeitadas e valorizadas.

Por fim, este livro é também uma homenagem:

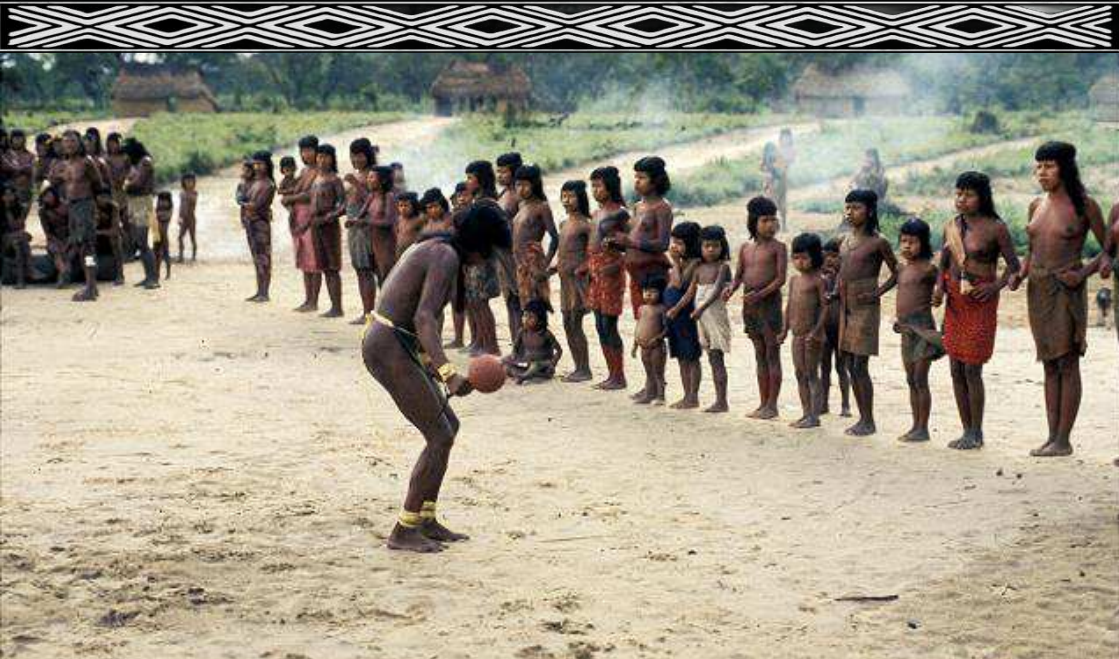
Àqueles que guardam a palavra, que narram às origens, que lembram as guerras e os silêncios. Aos anciãos que transmitem seus conhecimentos sem precisar de papel. Às mulheres indígenas que ensinam com o corpo, com o cuidado e com a sabedoria. Aos jovens que questionam e reconstroem a memória coletiva. Aos povos Canela (Ramkokamekrá e Apaniekrá) que, com sua história, sua resistência e sua generosidade, nos permitem olhar o passado com mais verdade e o presente com mais consciência.

Sejam bem-vindos a essa travessia.

Boa leitura, boa escuta e, acima de tudo, boa caminhada.

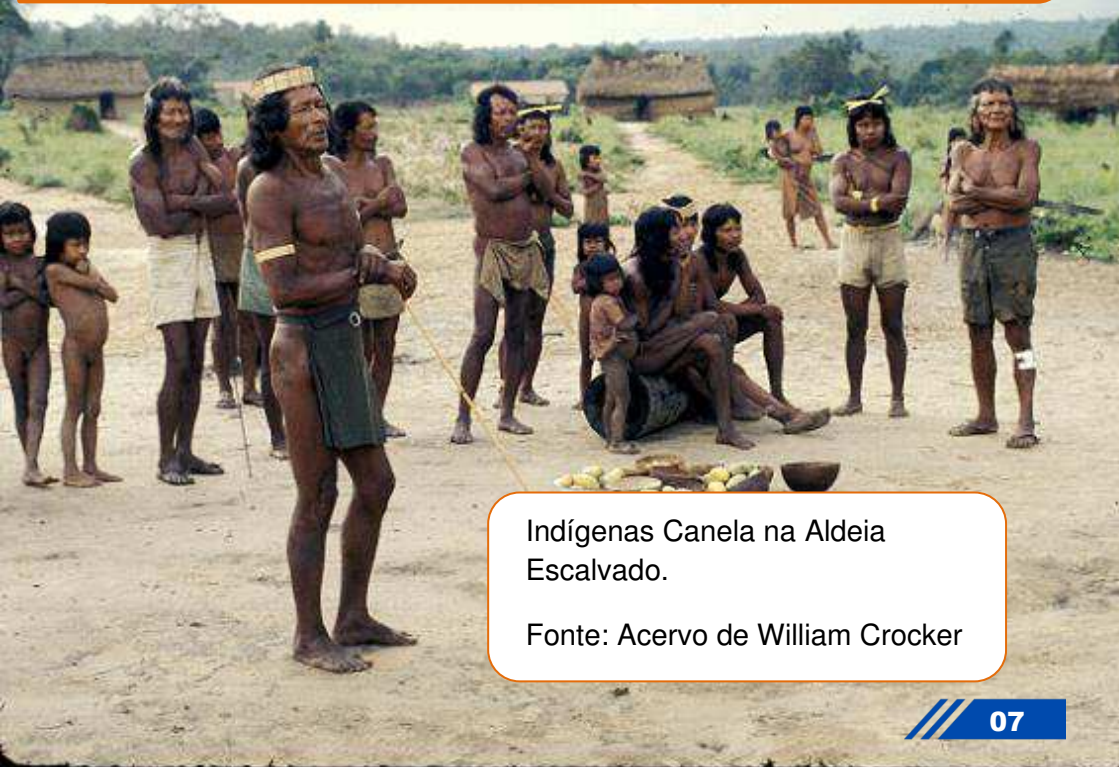
Com respeito, admiração e esperança,

Osvaldo Pessoa Cavalcante



1

Quem são os Canela?



Indígenas Canela na Aldeia
Escalvado.

Fonte: Acervo de William Crocker

1.1

Entendendo o território como parte da identidade

Os povos indígenas Canela fazem parte do grupo Timbira, pertencente à família linguística Macro-Jê. Entre os Canela, destacam-se dois grupos: os Apaniekrá e os Ramkokamekrá, conhecidos regionalmente como Canela do Porquinhos e Canela do Ponto. Esses dois povos compartilham origens culturais, tradições e práticas sociais semelhantes, mas vivem em territórios próprios.

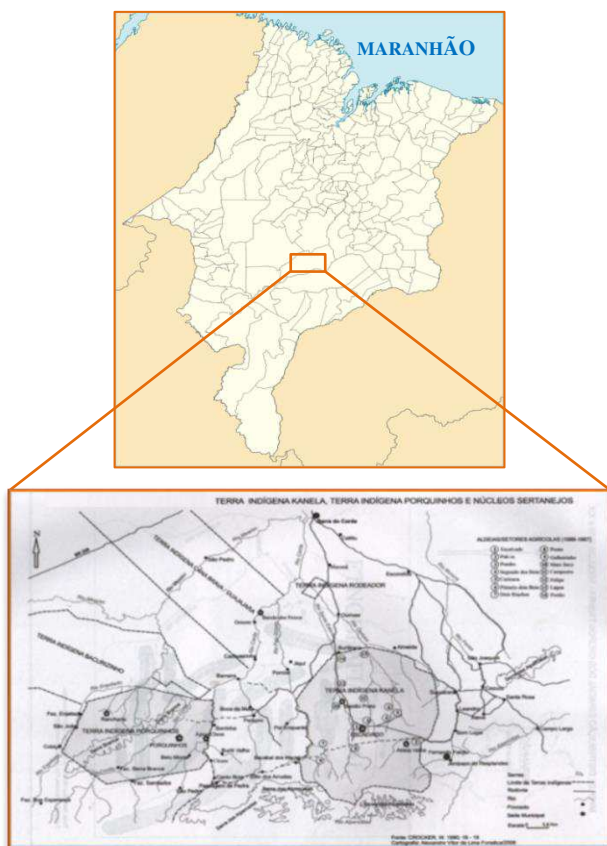
Saiba mais

Os primeiros contatos

William Crocker (2009) relata que os primeiros contatos dos Canela com os não indígenas ocorreu por volta de 1710. Contudo, foi somente em 1941 que o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), estabeleceu um posto de administração junto aos Canela.

Ambos vivem em áreas oficialmente reconhecidas como terras indígenas, espaços protegidos e garantidos pela legislação brasileira como posse permanente dos povos originários. Os Apaniekrá habitam a Terra Indígena Porquinhos, enquanto os Ramkokamekrá vivem na Terra Indígena Kanela-Buriti Velho. Ambas estão situadas no município de Fernando Falcão, (**Mapa 01**) embora até 1994 estivessem vinculadas ao município de Barra do Corda, cidade historicamente marcada por relações intensas e nem sempre harmoniosas com os povos

Canela, envolvendo conflitos armados, alianças políticas e *intercâmbios culturais*.



Mapa 01: Terra indígena Kanela
Buriti Velho, Terra indígena
Porquinhos e
Núcleos Sertanejos

Fonte: Crocker, W. 1990 | Cartografia: Elexandre Vitor de Lima Fonsêca/2006

GLOSSÁRIO

Intercâmbio Cultural:

Troca de saberes, costumes, objetos ou práticas entre diferentes grupos sociais, que pode acontecer tanto de forma pacífica quanto em situações de conflito ou contato forçado.

Estudar sobre os Canela é essencial para desconstruir a ideia equivocada de que os povos indígenas são “coisas do passado” ou estão desaparecendo. Ao contrário: os Canela estão vivos, produzem conhecimento, cultura, arte e história todos os dias. Ao levar essas histórias para a sala de aula, damos um passo importante rumo a uma educação mais justa, plural e comprometida com a diversidade dos povos que formam o Brasil.

1.2

Apaniekrá e Ramkokamekrá-Canela

Embora compartilhem a mesma língua e pertençam ao mesmo grupo étnico, os Apaniekrá-Canela e os Ramkokamekrá-Canela, desenvolveram ao longo do tempo, características próprias e identidades distintas, profundamente ligadas ao território e à memória coletiva de cada um.

Os nomes de cada grupo têm origens em sua própria língua. Apaniekrá significa “*o povo da piranha*”, enquanto Ramkokamekrá pode ser traduzido como “*os que sempre estiveram aqui*”. Embora do ponto de vista de quem é de fora, sobretudo dos “não-indígenas”, parecerem um único povo, os próprios Canela fazem distinções claras entre Apaniekrá e Ramkokamekrá. Essa diferenciação não é baseada em fatores raciais ou culturais visivelmente distintos, mas sim em laços territoriais, linhagens familiares, tradições locais, e principalmente na memória oral compartilhada por cada comunidade. A separação é reconhecida por todos como uma divisão legítima e respeitosa, que permite a convivência pacífica e a colaboração entre os dois grupos, sem, contudo, apagar suas especificidades.

Suas festas, danças e cantos são muito semelhantes, e muitas vezes há intercâmbio entre as comunidades em momentos cerimoniais ou de visita. No entanto, as histórias contadas pelos anciãos, as

narrativas sobre os primeiros contatos com não indígenas, os episódios de resistência e alianças com sertanejos ou missionários variam entre Apaniekrá e Ramkokamekrá, formando identidades históricas distintas, que ainda hoje orientam a maneira como cada grupo se vê e se posiciona frente à *sociedade envolvente*.

Ainda hoje, a distinção entre Apaniekrá e Ramkokamekrá é reafirmada nos discursos, nos documentos oficiais e na vida cotidiana das aldeias. Isso não significa divisão ou rivalidade, mas sim uma afirmação da diversidade interna dos povos indígenas, que muitas vezes é ignorada por narrativas externas simplificadoras. Ao reconhecer essa pluralidade, contribuímos para uma educação que valoriza as múltiplas formas de viver, de lembrar e de resistir. Entender a divisão entre Apaniekrá e Ramkokamekrá nos ajuda a conhecer melhor a cultura do povo Canela. Mostra que, mesmo fazendo parte de um mesmo povo, cada grupo tem sua própria história, seu jeito de viver e de lembrar o passado. Isso nos ajuda a perceber que os povos indígenas não são todos iguais e que é importante escutar suas diferentes vozes.

Além disso, compreender essas diferenças internas ajuda a desfazer a ideia equivocada de que todos os povos indígenas formam um único grupo. Cada povo, constrói sua identidade a partir de experiências próprias e lembranças específicas. No caso dos Apaniekrá e Ramkokamekrá, essa pluralidade se reflete nas histórias que contam, nas alianças que estabelecem e nas memórias que preservam.

GLOSSÁRIO

Sociedade Envolvente

É a sociedade não indígena que vive no entorno das terras e comunidades indígenas.

1.2.1

A vida na aldeia: o pátio central, os rituais e as festas

Na aldeia, as casas são dispostas em forma circular, ao redor de um grande pátio central. Esse espaço coletivo tem múltiplas funções: é onde se realizam os rituais, as reuniões políticas, as festas e a transmissão de saberes. Ali, a comunidade se reúne para tomar

decisões, para dançar, para contar histórias que vêm de tempos antigos.

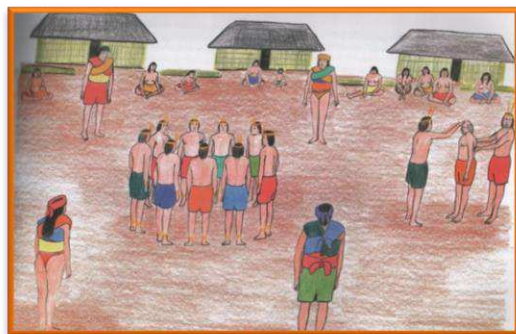


Imagem 01: Indígenas reunidos no pátio da aldeia, em cena retratada por Ricardo Kutakrê Canela.

envolvem cantos, danças, pinturas corporais e ensinamentos transmitidos pelos mais velhos aos jovens, garantindo a preservação das tradições e dos saberes ancestrais.

Além dos rituais de iniciação, o pátio central também abriga as festas coletivas, que podem durar vários dias. Nesses eventos, toda a aldeia participa: os homens e mulheres se organizam em funções específicas, as crianças observam e aprendem, os mais velhos orientam e conduzem os rituais com sabedoria.

É no pátio que os principais acontecimentos da vida social e cerimonial ganham forma. Ali, realizam-se os rituais de iniciação, que marcam a passagem das crianças para a vida adulta. Esses rituais são longamente preparados e

As danças cerimoniais, que acontecem sempre no pátio, envolvem todos os corpos da aldeia em um movimento circular, coordenado, ritmado pelos cantos e pelos instrumentos tradicionais. Cada dança tem seu significado: há aquelas que homenageiam os ancestrais, outras que pedem proteção ou celebram alianças internas. O círculo formado pelos dançarinos reforça visualmente a noção de que todos pertencem a um mesmo grupo, onde cada indivíduo é importante para o funcionamento do todo.

Durante essas festas, a oralidade desempenha um papel essencial. Histórias de origem, episódios de resistência, memórias de grandes líderes e até relatos de sonhos são compartilhados ao redor

do pátio, principalmente à noite. Contar histórias é também ensinar, orientar e fortalecer laços. Por isso, a aldeia Canela é, ao mesmo tempo, escola, templo, casa e campo, uma organização que une o espiritual, o cotidiano e o político em um mesmo espaço físico.

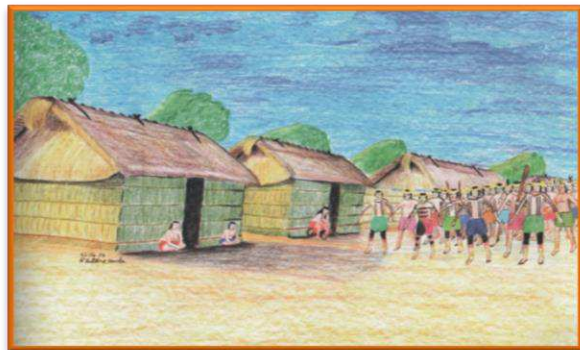


Imagem 02: Cerimônia tradicional no pátio da aldeia, representada por Ricardo Kutakrê Canela.



ALÉM DA SALA DE AULA

DICA DE LEITURA:

Os Canelas: Parentescos, Ritual e Sexo em uma Tribo da Chapada Maranhense, de William H. Crocker e Jean G. Crocker, 2019.



Antes de compreender como os Canela organizam sua vida coletiva, é importante lembrar que cada povo indígena possui modos próprios de viver, ensinar, celebrar e se relacionar com o território. Esses modos não são aleatórios: fazem parte de uma visão de mundo construída ao longo de gerações e transmitida pelos mais velhos. Assim, a forma como se relacionam, tomam decisões, ensinam os jovens e realizam seus rituais, demonstrando um profundo compromisso com a coletividade e a memória.

A vida na aldeia, então, gira em torno do coletivo. Ao contrário das sociedades urbanas ocidentais, em que a casa e a ***família nuclear*** costumam ser o centro das relações sociais, nas aldeias Canela o que está no centro é a comunidade. O pátio, as festas, os rituais e os encontros são formas de expressar e manter essa visão de mundo que prioriza o bem-estar coletivo, a partilha, o respeito aos mais velhos e a continuidade da cultura.

Conhecer essa dinâmica nos ajuda a entenderem que existem outras formas de viver em sociedade. Também é uma forma de valorizar o conhecimento indígena como legítimo e atual, desafiando os **estereótipos** que ainda reduzem os povos indígenas a imagens folclóricas ou do passado. Ao estudar a vida na aldeia Canela, entramos em contato com um universo rico, complexo e profundamente humano, um convite ao respeito, à escuta e à convivência com a diversidade.

GLOSSÁRIO

Família Nuclear

Família nuclear é um modelo de organização familiar composto tradicionalmente por dois adultos (geralmente pai e mãe) e seus filhos biológicos ou adotivos, convivendo sob o mesmo teto.

Estereótipo

Estereótipo é uma imagem, ideia ou opinião generalizada que as pessoas criam sobre um grupo social, pessoa, cultura, profissão ou comportamento.

O papel da oralidade: a memória viva dos anciãos

Entre os povos Canela, como em muitos outros povos indígenas, a história não é guardada em livros, arquivos ou documentos escritos,

mas sim vivida e transmitida pela palavra. A oralidade ocupa um lugar central na organização da vida coletiva. Por meio dela, os anciãos transmitem os conhecimentos essenciais para a sobrevivência física, cultural e espiritual da comunidade. Eles são os guardiões da memória do povo, responsáveis por manter viva a ligação entre o presente e os tempos antigos.

NOTA SOBRE A ARTE DE RICARDO KUHTÁKRE CANELA

Neste livro paradigmático, o uso das ilustrações do artista indígena Ricardo Kutakrê Canela representa um gesto de valorização estética, cultural e pedagógica de enorme significado. Ao convidar Ricardo para ilustrar as páginas desta obra, optamos, para além enriquecer visualmente os conteúdos, dar espaço à expressão autêntica da cosmovisão canela, representada por alguém que vive, sente e compreende as histórias contadas neste livro a partir de dentro.

As imagens criadas por Ricardo Canela são narrativas visuais. Cada traço, cada cor e cada cena retratada carrega elementos simbólicos, memórias coletivas e sentimentos compartilhados pelo seu povo. Ao representar a vida na aldeia, os rituais, os encontros, os conflitos e os silêncios da história dos Canela, suas ilustrações atuam como uma extensão do que é dito nos textos, oferecendo uma nova forma de leitura e entendimento para os estudantes.

Através da fala, os anciãos ensinam às novas gerações tudo o que é necessário para compreender o mundo Canela: como plantar, caçar, pescar e construir as casas; como se comportar durante os rituais; como lidar com o nascimento, a morte, as doenças e as curas; como interpretar os sinais da

natureza e reconhecer a presença dos espíritos. Eles narram histórias, mitos, lembranças de acontecimentos passados, relatos de batalhas, de

deslocamentos e de alianças feitas com outros povos ou com os “brancos”. Essas narrativas orais não são meras repetições, são modos de formar identidade, fortalecer os laços de pertencimento e orientar a conduta das pessoas na comunidade.

Muitos dos relatos dos anciãos têm relação direta com eventos que não estão presentes nos livros escolares. Um exemplo importante é a participação dos Canela no *Conflito de Alto Alegre*, ocorrido em 1901. Enquanto a versão oficial do episódio é contada a

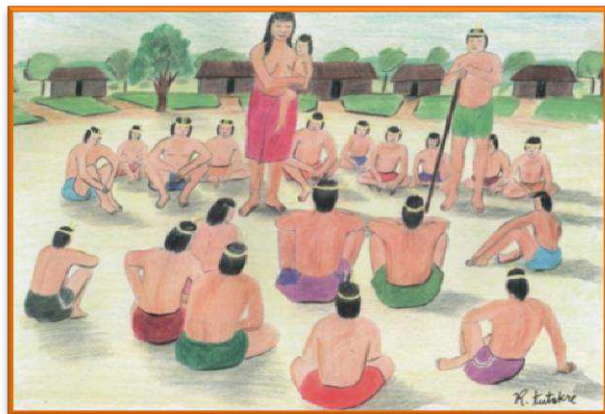


Imagem 03: Cena de aprendizado no espaço central da aldeia - Ilustração de Ricardo Kutakrê

partir da perspectiva dos missionários e dos sertanejos, entre os Canela, especialmente entre os Ramkokamekrá, a memória sobre o conflito é guardada em narrativas que circulam entre eles. Essas versões, passadas de geração em geração, carregam sentimentos de orgulho, dor, resistência e, muitas vezes, silêncio, pois nem tudo é dito publicamente. A oralidade, nesse caso, funciona também como espaço de proteção da memória: ela permite escolher o que se diz, como se diz e para quem se diz, respeitando os ritmos da comunidade.

Para os Canela, ouvir é um ato de respeito. Quando um ancião fala, todos param para escutar. Mesmo as crianças pequenas são ensinadas a valorizar a palavra dos mais velhos, pois sabem que ali há ensinamentos preciosos. Não é raro que um mesmo relato seja repetido várias vezes ao longo da vida, sempre com pequenas variações, com detalhes acrescentados ou suprimidos conforme o momento, o contexto e o público. Essa repetição não é um erro, mas uma estratégia

pedagógica: reitera o valor do que está sendo dito e permite que o ouvinte aprofunde sua compreensão com o tempo.

Essa forma de transmitir saberes contrasta com o modelo escolar ocidental, baseado na leitura e na escrita como principais formas de registrar e ensinar. Ao reconhecer a oralidade como fonte legítima de conhecimento, a escola tem a oportunidade de ampliar sua visão de mundo e de valorizar outras formas de aprender. Inserir a escuta das vozes indígenas, especialmente das vozes mais velhas, no cotidiano escolar, é um passo fundamental para construir uma educação antirracista, inclusiva e plural.

Além disso, valorizar a oralidade é também uma forma de combater o esquecimento e o apagamento da história indígena. Muitas das informações que os livros e documentos não registram ou registram de maneira distorcida, continuam vivas nas palavras dos anciãos. São eles que lembram os nomes dos líderes do passado, os caminhos antigos por onde os grupos migraram, as festas que foram proibidas e depois retomadas, os momentos de conflito e de resistência. Cada história contada é, ao mesmo tempo, um ato de memória e um gesto de resistência.



Reflexão: A importância de escutar os mais velhos

Os mais velhos entre os Canela são guardiões da sabedoria e da memória do povo. Suas histórias preservam conhecimentos sobre o território, os rituais, o passado e a resistência cultural. Ao escutá-los, os jovens aprendem valores, modos de viver e a história de sua comunidade. Como “livros vivos”, os anciãos mantêm a identidade Canela acesa, garantindo que a cultura continue viva entre as gerações.





Proposta de Atividade

Desenho ou maquete da aldeia Canela

Os estudantes devem criar uma representação da aldeia Canela com o pátio central e as casas dispostas em círculo. Depois, cada grupo pode explicar o que aprendeu sobre o significado dessa organização e o que ela ensina sobre vida coletiva.

Objetivo:

Compreender a organização espacial da aldeia Canela e seu significado cultural, desenvolvendo nos alunos a percepção de que a disposição circular das casas e o pátio central refletem valores de coletividade, convivência, partilha e pertencimento no modo de vida indígena.



2

O Conflito de Alto Alegre (1901)



Representação de Alto Alegre

Fonte: Plautus Cunha

2.1

O que foi o conflito de Alto Alegre?

O episódio conhecido como Conflito de Alto Alegre, ocorrido em 1901, é um dos momentos mais marcantes da história indígena no Maranhão. Durante muitos anos, esse evento foi contado apenas pela perspectiva dos não indígenas, especialmente pela Igreja Católica, que o interpretou como um massacre promovido por "índios rebeldes" contra religiosos inocentes. No entanto, sob a ótica dos povos indígenas, especialmente os Tenetehara/Guajajara, o conflito ganha novos significados: é visto como um ato de resistência, uma tentativa desesperada de preservar a própria cultura e a autonomia frente às imposições dos missionários e do Estado.

NOTA SOBRE O TERMO "CONFLITO DE ALTO ALEGRE"

No senso comum, o episódio é chamado de Massacre de Alto Alegre. Porém, neste livro paradigmático, utilizamos principalmente a expressão Conflito de Alto Alegre. Essa escolha é importante porque ajuda a mostrar que o que aconteceu ali foi resultado de tensões políticas, culturais e sociais entre diferentes grupos envolvidos.

Tudo começou quando missionários capuchinhos passaram a atuar junto aos Guajajara, na então colônia indígena de São José da Providência, localizada no povoado de Alto Alegre, no interior de Barra do Corda (MA), (**Mapa 02**). Os religiosos tinham o objetivo de *catequizar* os indígenas, convertê-los ao cristianismo e "civilizá-los"

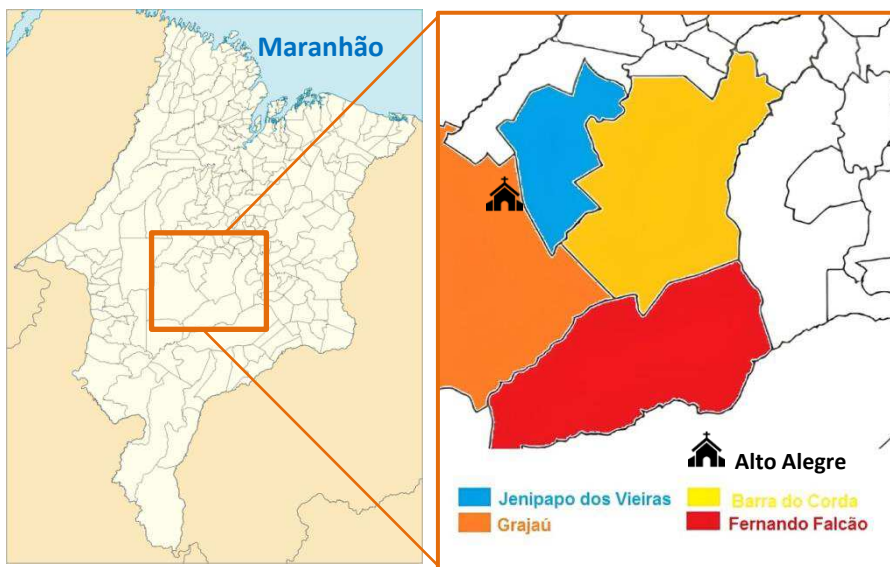
GLOSSÁRIO

Catequizar

Ato de ensinar e impor a religião cristã, especialmente a doutrina católica, a outros povos.

segundo os padrões europeus. Para isso, criaram escolas, implantaram regras rígidas de conduta, proibiram rituais tradicionais, mudaram os nomes dos indígenas, reorganizaram suas aldeias e interferiram diretamente em suas formas de viver, pensar e se organizar. O que poderia parecer, à primeira vista, uma ajuda religiosa, logo se transformou em um sistema de controle e apagamento cultural.

Mapa 02: Alto Alegre



Fonte: Wikipédia disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_Maranhao_location_map.svg

Fonte: Produção do autor.

À medida que a pressão sobre os Guajajara aumentava, crescia também o descontentamento. Os líderes indígenas passaram a perceber que estavam perdendo sua liberdade, sua terra e sua identidade. Impedidos de praticar suas crenças, de falar sua língua em público e de realizar seus rituais, eles se viram obrigados a escolher entre a submissão ou a resistência. E foi nesse contexto que, no dia 13 de

março de 1901, um grupo de Guajajara atacou a missão de Alto Alegre, resultando na morte de vários missionários e trabalhadores sertanejos.

A resposta das autoridades foi imediata e violenta. O episódio gerou uma verdadeira expedição punitiva, com o envio de forças policiais e milícias da região para reprimir os indígenas envolvidos. Para isso, houve inclusive o recrutamento dos Canela Ramkokamekrá, considerados rivais dos Guajajara. Essa aliança entre os Canela e os sertanejos é um dos aspectos mais controversos e menos discutidos. Enquanto os Guajajara foram vistos como “agressores”, os Canela foram apresentados como “aliados da civilização”, embora muitos deles mais tarde também sofressem com o avanço das frentes colonizadoras.

NOTA SOBRE A LOCALIZAÇÃO DE ALTO ALEGRE

A antiga Colônia Indígena de São José da Providência, localizada em Alto Alegre, estava originalmente inserida no território do município de Barra do Corda, Maranhão. Contudo, ao longo do século XX, ocorreram diversos processos de reorganização administrativa e emancipação municipal na região. Como resultado dessas mudanças territoriais, a área onde funcionou a referida colônia passou a situar-se na zona limítrofe entre os municípios de Grajaú e Jenipapo dos Vieiras, não pertencendo mais ao território barra-cordense.

Durante décadas, a memória sobre o conflito foi moldada quase exclusivamente pela versão religiosa, que transformou os missionários mortos em mártires e os indígenas em assassinos. Essa narrativa oficial ainda hoje é reproduzida em pinturas, livros. Enquanto isso, a versão dos indígenas permaneceu silenciada ou esquecida, circulando apenas nas conversas orais entre os mais velhos, sem espaço nos currículos escolares ou nos materiais didáticos.

Hoje, compreender o Conflito de Alto Alegre a partir da perspectiva indígena é um exercício necessário de justiça histórica. É reconhecer que os Guajajara não

foram “selvagens” ou “criminosos”, mas sim sujeitos históricos, que reagiram à opressão em defesa de sua cultura, de seu território e de sua dignidade. E é também entender que a memória sobre esse conflito continua viva, tanto entre os Guajajara, que o carregam como marca de resistência, quanto entre os Canela, que vivenciam um silêncio complexo sobre seu papel naquele episódio.

Ao estudar esse evento em sala de aula, os professores têm a oportunidade de promover reflexões profundas sobre resistência indígena, disputa de narrativas e a importância de incluir múltiplas vozes na construção da história. Afinal, só há justiça na memória quando todos têm o direito de contar a sua versão dos fatos.



ALÉM DA SALA DE AULA

DICA DE LEITURA:

“Hoje e amanhã celebri a história para encarnar-vos no povo” Os embates de memória sobre o Conflito do Alto Alegre, de Carlos Eduardo Penha Everton, 2024.



2.2

As diferentes versões: Igreja, Guajajara e Canela

Quando se trata de compreender o Conflito de Alto Alegre, ocorrido em 1901, é fundamental reconhecer que não existe uma única versão sobre o que aconteceu. Como em muitos episódios da história brasileira, os sentidos atribuídos aos fatos variam conforme o ponto de vista de quem os conta. O mesmo acontecimento pode ser lembrado

com orgulho, dor, revolta ou silêncio, dependendo da memória que se transmite. No caso desse conflito, três narrativas principais emergem: a da Igreja Católica, a dos Guajajara e a dos Canela. Cada uma oferece elementos importantes, e também omissões, que ajudam a entender como a história é construída, disputada e, por vezes, silenciada.

A versão da Igreja Católica, especialmente dos missionários capuchinhos, foi por muito tempo a mais divulgada e reproduzida. Segundo esse relato, os religiosos teriam sido vítimas de uma emboscada brutal, conduzida por indígenas “íngratos”, “selvagens” e “manipulados por forças do mal”.



Imagem 04: Igreja Santa Cruz de Barra do Corda.
Fonte: diocese de Grajaú.

Os capuchinhos eram apresentados como heróis da fé, mártires da civilização cristã, que buscavam “salvar almas” por meio da catequese e da “civilização” dos indígenas.

Essa versão foi amplamente propagada por meio de cartas missionárias, pinturas, livros religiosos e discursos públicos. Em Barra do Corda, por exemplo, há na faixa da igreja matriz imagens dos missionários mortos, retratados com auréolas como se fossem santos martirizados. **(Imagem 04)** Essa narrativa ajudou a justificar, na época, a repressão violenta aos Guajajara e o avanço do projeto de ocupação do sertão maranhense.



A versão dos próprios Guajajara, no entanto, apresenta outra perspectiva, quase sempre ignorada nos registros oficiais. Para eles, o ataque à missão foi um ato extremo de autodefesa diante das violências sofridas. As proibições impostas pelos missionários, como o fim das festas tradicionais, a troca dos nomes indígenas por nomes cristãos e a reorganização autoritária das aldeias, foram vividas como formas de dominação e apagamento cultural. Líderes Guajajara relataram que os castigos físicos aplicados pelos padres, as restrições alimentares e as tentativas de suprimir a língua e os rituais tradicionais provocaram profunda revolta entre os Guajajara. O ataque à missão, portanto, não foi uma agressão gratuita, mas uma reação coletiva contra a tentativa de destruir sua forma de vida. Embora essa versão não esteja registrada em documentos escritos da época, ela sobrevive na memória oral de algumas famílias Guajajara, como uma lembrança dolorosa.

Já entre os Canela, especialmente os Ramkokamekrá, a memória do conflito aparece de forma mais complexa e silenciosa. Eles não foram alvo da repressão estatal naquele momento, pois haviam sido convocados para participarem da expedição punitiva contra os Guajajara. Essa aliança, interpretada por muitos não indígenas como sinal de “fidelidade à civilização”, gera até hoje contradições internas.

Alguns Canela mais velhos lembram com orgulho da participação no episódio como forma de proteger a cidade de Barra do Corda, com a qual tinham alianças políticas e comerciais. Outros, no entanto, preferem não falar do assunto, como se houvesse um incômodo com a ideia de terem ajudado a reprimir outro povo indígena. A ausência de registros escritos por parte dos Canela contribuiu para que essa versão ficasse restrita ao âmbito interno da comunidade, transmitida em conversas, quase sempre entre os mais velhos. Essa memória seletiva aponta como determinados episódios podem ser lembrados de formas diferentes dentro de um mesmo grupo, conforme o tempo, o contexto e as feridas ainda abertas.

Entre esses dois extremos, o orgulho e o silêncio, existe ainda uma zona de sentimentos mistos, em que alguns Canela reconhecem a complexidade daquele momento histórico. Assim, a memória do episódio se torna atravessada por ambiguidades: ao mesmo tempo em que reforça a coragem e a força do grupo, também traz questionamentos sobre as consequências de ter lutado ao lado das forças que, anos mais tarde, também impactariam sua autonomia e modo de vida. Esse conjunto de emoções e reflexões contribui para que a narrativa permaneça sensível, fragmentada e, em muitos casos, cuidadosamente administrada pelos anciãos que a transmitem.

Compreender essas diferentes versões é essencial para que a história do Conflito de Alto Alegre seja contada de forma mais justa e completa. A multiplicidade de narrativas mostra que não existe uma única “verdade histórica”, mas sim uma disputa permanente por memória, reconhecimento e justiça. Para os professores do Ensino Fundamental, trabalhar com essas diferentes perspectivas é uma forma de incentivar o pensamento crítico dos alunos, promover o respeito às culturas indígenas e combater o apagamento das vozes que foram silenciadas por tanto tempo.



ALÉM DA SALA DE AULA

O Massacre de Alto Alegre:

Documentário produzido por Murilo Santos, 2005.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZstTxwdmW0I>





Proposta de Atividade

Leitura compartilhada e debate

O professor lê com a turma um trecho adaptado da narrativa do capítulo que apresenta as três versões do conflito (Igreja, Guajajara e Canela). Em seguida, conduz uma roda de conversa com perguntas como: Quem estava certo? Por quê? Todas as versões podem estar certas ao mesmo tempo? Qual dessas versões é mais propagada? Por que será que outras são silenciadas?

Objetivo:

Levar os alunos a compreender que a história possui diferentes versões, desenvolvendo o pensamento crítico para identificar por que algumas narrativas são valorizadas e outras são silenciadas.

2.3

Canela em marcha: a participação dos indígenas Canela na repressão ao Levante de Alto Alegre nos registros da imprensa e da historiografia

Durante o conflito de Alto Alegre, os Ramkokamekrá-Canela foram protagonistas de uma aliança estratégica com os sertanejos e a Igreja Católica, o que marcou profundamente sua relação com a cidade de Barra do Corda. Em entrevistas contemporâneas, lideranças dos Ramkokamekrá destacam seu papel na fundação e defesa da cidade, enquanto também denunciavam o apagamento de sua história nos livros e na política local.

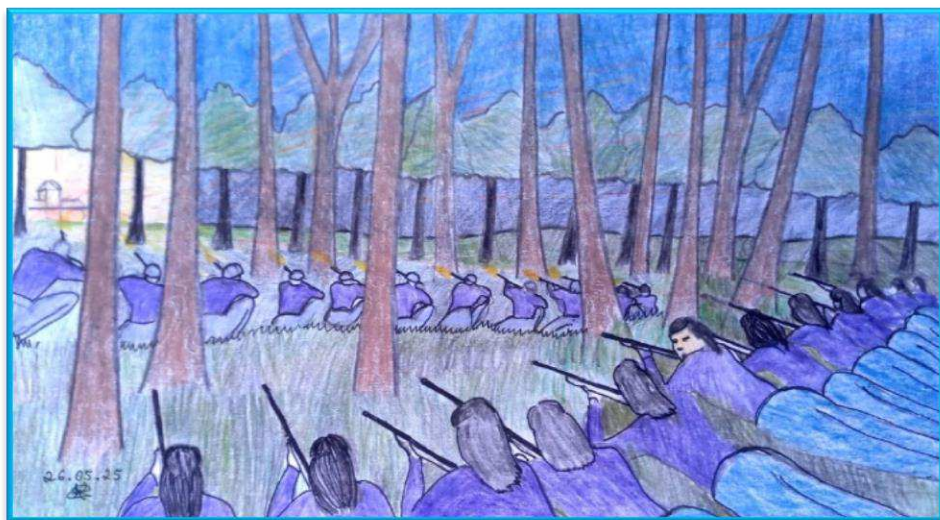


Imagem 05: Repressão aos Guajajaras com apoio dos Canela.
Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Durante muito tempo, a participação dos Canela no Conflito de Alto Alegre foi ignorada ou relegada a um papel secundário nos registros históricos. Quando mencionados, seu protagonismo aparecia apenas de forma marginal ou transversal, já que a maioria das narrativas

priorizou as versões da Igreja ou dos próprios Guajajara. Ainda assim, mesmo que de maneira limitada, é possível encontrar em livros e jornais da época referências importantes à atuação dos indígenas Canela, revelando sua presença e papel no desenrolar do conflito.

A publicação de 13 de abril de 1901 no jornal *O Norte*, apresentada por Olímpio Cruz (1946/1982, p. 127), destaca com clareza o clima de comoção e militarização que se instaurou na região após o ataque à missão de Alto Alegre. Intitulada “A Hecatombe – as providências”, a matéria detalha a chegada de forças militares e indígenas Canela recrutados para compor a expedição repressiva organizada pelo Estado, revelando tanto a preocupação das autoridades locais com o episódio quanto o apelo à mobilização armada imediata:

NOTA

A grafia das palavras foi mantida conforme o documento original, respeitando a ortografia vigente na época.

Chegaram na manhã de 9 do corrente mez, o major Cassiano e 40 praças do corpo de infantaria do estado que sob as ordens do Alferes Manoel Gonçalves, veem reunir-se ao destacamento que o ilustre Sr. Tenente Coronel Pinto está organizando para dirigir-se ao Alto Alegre, onde continua em atitudes ameaçadora a terrível horda que

ensopou com o sangue das victimas innocentes o solo d'aquela parte do território barra-cordense.

O acontecimento extraordinariamente emocionante que alli se deu, trouxe dede a primeira noticia o pânico e a consternação a esta pacifica cidade.

As autoridades locaes apprehensivas com a attitude sanguinária dos índios pintaram a S. Exa. Sr. Governador do estado com as cores vivas do emocionante quadro, a situação aflitiva da população.

Jornal O Norte

O Jornal O Norte, fundado por Isaac Martins na cidade de Barra do Corda, em 1888, teve grande importância histórica para a região. Circulando por quase meio século, tornou-se o principal veículo de comunicação responsável por registrar e divulgar os acontecimentos relacionados ao Conflito de Alto Alegre.

O governo, atendendo aos reclamos de uma população em desespero deu as necessárias ordens para que em seu socorro viessem os elementos bellicos do que de momento podia dispor.

Em 7 d'este haviam chegado também de Grajahú 15 praças remetidos pelo ilustre capitão Goiabeira, os quais reunidos os 6 vindas de Picos e os do contingentes vindo do maranhão e os do destacamento d'aqui dão o numero de 70 praças de linha.

Em 8 haviam chegado 40 índios da tribo Canella, inimigos histórico dos Gurajajara e que sob o comando do seu chefe o major Delfino estavam prontos para acompanhar a expedição militar.

Acham-se também alistados 20 populares e espera-se mais um tropa de índios da tribo acima dita podendo a expedição eleva-se ao numero de 150 homens de armas.

O auxilio dos Canellas é muito importante em tal emergência, porque habituados a vida das matas

perseguem e combatem com grande valor os seus irreconciliáveis inimigos.

(O Norte, Apud Cruz, 1946/1982, p. 127).

Essa publicação sustenta a ideia de medo generalizado e pânico coletivo, usada como argumento para justificar o envio de tropas e a organização da expedição punitiva. A imprensa além de narrar os fatos, participava ativamente da construção de uma **memória coletiva**, moldada por interesses políticos, religiosos e sociais. A mobilização das tropas e dos Canela é apresentada como resposta a um "quadro aflitivo", apelando à emoção dos leitores para legitimar a violência retaliatória.

A matéria, além de revelar a mobilização bélica promovida pelo governo estadual, revela também o uso intencional das rivalidades interétnicas como estratégia militar, com a incorporação dos Canela à repressão dos Guajajara. A naturalização da presença Canela como "aliados do governo" evidencia como a imprensa contribuiu para reforçar uma narrativa que valorizava sua participação como legítima e funcional, obscurecendo os impactos sociais e simbólicos dessa colaboração dentro do universo indígena.

A forma como os Canela são retratados, como "habituaados à vida das matas" e "combatentes valorosos contra seus irreconciliáveis inimigos", fortalece estereótipos coloniais que exaltam a bravura indígena apenas quando ela serve aos interesses do Estado. Ao mesmo tempo, constrói uma imagem dual: os Canela como aliados civilizados e os Guajajara como selvagens e ameaçadores, reforçando a polarização presente em grande parte da narrativa oficial da época.

GLOSSÁRIO

Memória Coletiva

É o conjunto de lembranças e histórias compartilhadas por um grupo social. Surge das experiências vividas em comum ajudando a construir a identidade e os valores desse grupo.

Essa atuação dos indígenas Canela na repressão ao levante dos Guajajara é registrada por diversos autores que analisaram o episódio do Massacre de Alto Alegre e suas consequências. Autores como Bartolomeo de Monza (1908-2018, p. 155), que afirma que os Canela foram destacados como a principal força de combate dentro das tropas organizadas para retaliar os Guajajara. O autor descreve sua presença da seguinte maneira:

Um grupo de quarenta selvagens Canela, inimigos mortais das tribos Guajajara, e de modo especial do Caboré, formava o centro das forças. Raça valorosa, guerreira por instinto, cor cobre escuro, longa cabeleira, coberta, com uma simples capa vermelha, armada de fuzil e arco, inspirava medo. Aquele grupo tinha jurado dar fim aos assassinos de Alto Alegre.

Esse relato corrobora com a ideia de que os Canela foram vistos como um componente essencial do esforço militar sendo utilizados na linha de frente do combate devido à sua experiência em guerrilha e à rivalidade histórica com os Guajajara.

A presença dos Canela nas tropas repressoras também é confirmada por outros autores, como Olímpio Cruz (1946, p. 69), que detalha a organização da tropa sob o comando do Tenente-Coronel Pedro José Pinto e a chegada de 42 guerreiros Canela, liderados por Delfino Oropo-ká e outros chefes indígenas:

No dia 09 de abril de 1901, chegava de São Luis do Maranhão o alferes Manoel Gonçalves com um reforço de soldados, a fim de se apresentar ao Tnte-Cel. Pedro José Pinto, o qual no dia 12 do mesmo mês, também chegava procedente da cidade de Picos, hoje Colinas, tendo logo formado uma tropa com 62 praças de infantaria, 02 oficiais, 05 paisanos e 42 índios da tribo Canela, inimigos tradicionais dos Guajajaras, cujo chefe era o bravo Delfino

Oropo-ká, que trazia como auxiliares imediatos os índios, Doroteu Roctokóre, José Cadete Potxete e José Moreira Tunikô.



Imagem 05: Indígenas que participaram do conflito de Alto Alegre, entre eles Doroteu Roctokore, José Cadete Potchet e José Moreira Tunikô, ao lado dos inspetores do SPI, José Maria da Gamal Malcher e Sebastião Moacir Xerez.

Fonte: Olímpio Cruz (1946)

Essa organização demonstra o planejamento detalhado da repressão e o papel ativo dos Canela na perseguição aos Guajajara, confirmando a tese de que os indígenas foram instrumentalizados pelo governo e pelas elites locais para servir como força auxiliar contra seus próprios rivais históricos.

O relato de Pedro Braga dos Santos e Regina Helena Martins de Faria (1981, p. 34) corrobora essa narrativa, indicando que os Canela foram mobilizados junto às forças policiais para expulsar os Guajajara de Alto Alegre:

Após o ataque, os Guajajara instalaram-se no Alto Alegre, impedindo a passagem das pessoas que se dirigiam para as cidades de Grajaú e Barra do Corda. [...] Permaneceram no Alto Alegre até a chegada de forças policiais vindas de Grajaú e Barra do Corda. Auxiliadas por 40 índios Canela, tradicionais inimigos dos Guajajara.

A participação dos Canela na repressão também é mencionada por Galeno Edgar Brandes (1994, p. 233-234), que descreve a mobilização de diversas forças armadas e a inclusão dos indígenas na ofensiva:

Sabe-se que a comunidade inteira se abalara com a hecatombe de Alto Alegre e que muitos participaram do combate aos índios, após a catástrofe [...] Algumas famílias tiveram participação notável na arregimentação da tropa e na organização do combate. De Grajaú, o célebre capitão Raimundo Ângela Goiabeira, [...] Raimundo Leonildo Maranhão – o Mundinho Maranhão [...] de Picos (Colinas), o Alferes e o célebre Ten. Coronel Pedro José Pinto [...] comandando diretamente mais de 70 homens armados; do Sul do Município, os índios da Tribo Canela, descendentes do Grupo Jê, com mais de 40 índios.

Além disso, Mércio Pereira Gomes (2002, p. 264) destaca que os Canela participaram diretamente da perseguição e da eliminação dos Guajajara:

A morte dos padres e freiras, de crianças e jovens internados não indígenas, de brancos das vizinhanças, desencadearam a ação das milícias repressoras, que contaram com a colaboração dos índios Canela (Ramkokamekrá)

Dessa forma, há robusto embasamento bibliográfico que fundamenta a participação dos Canela nos eventos que se sucederam após o ataque em Alto Alegre, desempenhando um papel ativo na perseguição dos Guajajara, rastreando aldeias e fornecendo conhecimento territorial para as tropas maranhenses. Testemunhos orais colhidos entre os Guajajara revelam que, após o massacre da missão, os indígenas perseguidos temiam mais os Canela do que os próprios soldados. Segundo um relato de Alderico Lopes Filho (Guajajara):

Eles (Os Guajajaras) não andavam assim não. Ficavam na aldeia deles. Tinham muito medo dos Canela, que andavam com um feixe de flechas nas costas.

(Lopes Filho Apud Custódio, 2020, p. 23).

Além de participarem das perseguições, os Canela também auxiliaram no aprisionamento de líderes Guajajara. Em uma entrevista registrada por Everton (2016), Pixã Canela narrou que seus bisavós participaram diretamente da captura de indígenas Guajajara e os entregaram às forças de Barra do Corda. Segundo Pixã:

Os Canelas foram e pararam com a guerra, levaram os militares, os 'força táctica', e pararam com tudo aí.

(Pixã Apud Everton, 2016, P. 149).

Essa aliança com os não indígenas consolidou uma posição ambígua para os Canela na história do conflito, uma vez que sua participação ao lado das forças policiais de Barra do Corda os distanciou da resistência indígena representada pelos Guajajara. Enquanto estes foram duramente reprimidos, marginalizados e rotulados como “selvagens” e “assassinos” pela narrativa missionária e pelo discurso oficial da época, os Canela passaram a ser lembrados na memória popular como “defensores da cidade”, um papel que lhes conferiu certo prestígio entre os colonos e autoridades locais.

Essa imagem positiva criada pelos não indígenas, porém, não correspondia totalmente ao modo como os próprios Canela entendiam sua participação no conflito. Enquanto a sociedade ao redor os via como aliados fortes e confiáveis, muitos Canela poderiam sentir que essa visão não representava quem eles realmente eram. Para eles, essa identidade foi construída mais pelos interesses dos outros do que pela sua própria história.

No entanto, essa aliança não os isentou completamente das consequências do processo de colonização, tampouco garantiu

privilégios duradouros. Com o passar dos anos, os Canela também enfrentaram pressões territoriais, desestruturação social e tentativas de **assimilação cultural**, mostrando que sua participação na repressão ao levante Guajajara não significou uma aliança plena e incondicional com os não indígenas, mas sim uma estratégia de sobrevivência dentro de um cenário de profundas transformações e **conflitos interétnicos**.



Considerando que a atuação dos Canela no episódio do Conflito de Alto Alegre tem sido relegada a um papel secundário na historiografia, este livro paradidático busca resgatar e evidenciar sua memória e ponto de vista sobre esse evento histórico. O tópico seguinte será dedicado a essa análise, através da memória dos indígenas Canela, resgatada por meio de entrevistas e estudos etnográficos que possibilitem compreender suas motivações, percepções e impactos da aliança com as forças policiais.

GLOSSÁRIO

Assimilação Cultural

Processo pelo qual um grupo ou povo adota, de forma voluntária ou forçada, os costumes, valores, língua e modo de vida de outro grupo, geralmente mais dominante.

Conflito Interétnico

É o confronto ou tensão entre grupos étnicos diferentes, motivado por disputas de território, recursos, poder político, diferenças culturais, religiosas ou históricas.

2.4

A memória dos indígenas Canela sobre o Conflito de Alto Alegre em suas narrativas orais

Nas visitas feitas às aldeias Escalvado e Aldeia Velha, foi possível ouvir histórias importantes contadas pelos próprios indígenas Canela sobre o Conflito de Alto Alegre. Essas histórias, passadas de geração em geração, nos ajudam a entender como o povo Canela guarda, transmite e, às vezes, escolhe não falar de certos acontecimentos do passado.

A maneira mais importante de manter essa história viva é por meio da oralidade, ou seja, das histórias contadas em conversas, rituais, cantos e encontros com os mais velhos. Mesmo que algumas partes sejam esquecidas, mudem com o tempo ou sejam contadas de formas diferentes, elas continuam sendo valiosas e verdadeiras para quem vive essas memórias.

Escutar essas vozes com atenção e respeito é um ato de valorização. Significa reconhecer que os indígenas têm seus próprios jeitos de pensar e ensinar a história. Mais do que apenas lembrar do passado, essa escuta permite que eles reafirmem sua identidade, resistam ao esquecimento e continuem sendo os autores de sua própria trajetória.

As entrevistas feitas com os indígenas Canela mostram que existem diferentes formas de lembrar o Conflito de Alto Alegre. Isso acontece porque a memória não é algo fixo ou igual para todos, mas sim algo que se constrói ao longo do tempo, com base nas vivências de cada pessoa. Essas diferenças de lembrança aparecem principalmente quando comparamos pessoas de idades diferentes. Os mais velhos costumam ter histórias mais detalhadas. Já os mais jovens, muitas vezes, ouviram

menos sobre o tema dentro de casa. Assim, cada geração entende e conta os fatos de acordo com aquilo que viveu, ouviu e aprendeu.

Saiba mais

A Memória não é sempre igual.

A memória não é fixa; ela muda conforme quem conta, o tempo e as emoções envolvidas. Por isso, diferentes pessoas podem narrar o mesmo fato de maneiras distintas, sem que estejam erradas. Entre os Canela, as histórias transmitidas pelos mais velhos transformam-se com o tempo, mostrando que a memória é viva, assim como a cultura. Um mesmo acontecimento como o Conflito de Alto Alegre pode ter várias versões, e ouvir todas elas ajuda a construir uma compreensão mais completa e justa da história.

Entre os Canela, esse processo é muito influenciado pela oralidade, ou seja, pela forma como as histórias são contadas de geração em geração, por meio da fala. É por meio da conversa com os mais velhos que a história do povo é mantida viva e transmitida aos mais novos.

Os mais velhos da comunidade Canela, como Francisquinho Tephoto (86 anos), Arcanjo Iky (70 anos), Ari Karompey Canela (54 anos) e Ricardo Kutakrê (51 anos), são grandes conhecedores da história do seu povo. Eles se lembram com muitos detalhes de acontecimentos importantes, e suas falas mostram a força, a coragem e a luta dos Canela ao longo do tempo.

Quando falam sobre o Conflito de Alto Alegre, os anciãos ajudam a construir uma imagem de resistência e orgulho do povo Canela. Suas palavras mostram que os indígenas não ficaram em silêncio diante da violência e do abandono, mas agiram para se defender e proteger sua comunidade. Essas histórias contadas pelos mais velhos são muito

importantes. Elas ajudam a manter viva a memória do grupo, mostram como os Canela enfrentaram os desafios do passado e revelam que, mesmo quando não são lembrados nos livros de história, seus relatos continuam sendo uma forma de resistir ao esquecimento.

Em uma das narrativas mais densas colhidas durante as entrevistas, Francisquinho Tephoto Canela descreve com riqueza de detalhes a memória oral transmitida por seus antepassados sobre o episódio conhecido como o Massacre de Alto Alegre. Seu relato mostra o protagonismo dos Canela no conflito e traz elementos simbólicos importantes, como o uso da música tradicional na guerra:

NOTA

Todas as falas desse tópico foram transcritas de forma literal, preservando a oralidade, as expressões, os modos de falar e as características linguísticas do entrevistado.

É o seguinte, daquelas época que meu pai... que ele esteve lá no massacre deste. E ele viu. Viu lá este massacre que teve com o Guajajara ao tal de Capuchinho. Eles atacaram os padres e mataram todos. E eles retalharam os negócios das mulheres (partes íntimas) e botou lá no meio da entrada na aldeia. Aí este Guajajara fizeram com os padres assim: matou todos. E lá ficou massacrando. Aí acho que Barra do Corda mesmo fez convite a nossos bisavôs. E chegando lá, diz que chegou a hora lá no Alto Alegre. E eles, os nossos bisavôs, chegou lá. Aí começou logo o guerra, tiro, Guajajara atirando, atirando na igreja.

Ele tomou, acabou com os padres todos e ficou, tomou, ficou dentro da igreja aí, guerreando, e não quer entrar nada, não quer receber nada. Então aí, o povo da Barra do Corda, a polícia, aquele povo, então ficou lá. Aí não deu

conta, deu chamado a nossos bisavôs. Aí reuniram lá, aí começou o guerra.

Aí só barulho de tiro. Naquele época, disse que o guerra... atirando, atirando. Aí depois, o comandante do batalhão atirando, atirando, nada. Guajajara atirando, contra, atirando, atirando os dois rapazes. Nunca não deu pra nada. Então, comandante do Polícia Militar respondeu para o povo indígena: “Cadê o música de vocês, que você toca?” Aí o Musgueira começou a tocar. Aí Guajajara ouviram esse barulho do música, buzina, aí responderam: “Rapaz, o povo Canela tá aí no meio dele, porque nós não vamo aguentar, não, porque eles que é maior brabão que estão aí no mei deles. Nós vamo correr, não vamo ficar por aqui. Eu sei que eles vão pegar nós todos. Aí quem quer ficar, pode ficar. Eu vou me desaparecer, eu vou me correr.” Aí avançou. Aí desapareceram. Tudo acabou.



Imagem 06: Indígenas Canela entoando cantos e tocando instrumentos tradicionais durante a recuperação de Alto Alegre.

Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Ai eles ouviram esse música. Logo eles pensou: “O povo Canela corre à noite. Se eles pegar nós, eu sei que nenhum de nós escapa, não.” Eles correram. Aí acalmou aquele barulho. E lá, a Polícia Militar chegou lá. Tá só lugar. E aí, fiscalizando lugar pra ver mais alguém... nada, nada, nada.

Tinha um criancinha pequeninha nas redes lá. O Polícia Militar: “Vamos pegar esse criança aí.” O outro responde para ele: “Não deixa. Ele está aí. Deixa a mãe deles vim pegar.” Aí um Polícia Militar saiu sozinho, fiscalizando. Aí um que estava lá escondido deu tiro nele. Derrubou. Mataram só um. Aí o resto acabou tudo. E este, mãe do criança veio. Ninguém viu ela. E carregou. Aí guerra se acalmou. Acabou. Pois, por isto aí ficou calmo desse guerra por causa este povo Canela.

(Francisquinho Tephot Canela, 2025)

Outra fala relevante é o de Arcanjo Iky Canela. Seu relato demonstra o envolvimento dos Canela em conflitos com os Guajajara e as mobilizações posteriores envolvendo o Serviço de Proteção ao Índio (SPI):

E naquele tempo do nosso bisavô, nosso povo gostava de brigar. E naquele tempo que o Barra do Corda dando aula pras crianças, e as crianças do Guaje já estudando lá no Barra do Corda. Aí ele começou, ele estudando, estudando, estudando. Depois disso, que as crianças não estavam fazendo a lição bem, aí fizeram a palmatória. Aí bateu a mão das crianças do Guaje, que tava estudando.

Aí o Guaje não gostou, aí começou o briga. Mataram 12 padres, que o bisavô viu. Contou isso aí que eu tô contando pra você. Aí começou o perigo. O Guaje matando, matando,

matando, brigando, matando. Aí o branco quase não consegue acalmar esse guerra.

Aí depois o SPI chamou o nosso grupo da Aldeia do Ponto e mandaram uma carta para o cacique Doroteu. Aí chegaram lá, a polícia tomou de conta com o grupo da Aldeia do Ponto. Aí eles disseram para ele: “Agora vocês vão ficar por detrás. Nós vamos à frente. Se nós acabar, que estamos na frente, aí tu vai em frente.”

Aí eles chegou lá, e aí combinaram, conversaram e chegaram. Eles marcam a hora pra brigar. Aí chegou a hora. Aí eles foram para a polícia. Aí começou o briga, e nosso bisavô vendo, quase matando o polícia. Que meu avô, mesmo deitado com a polícia lá, atirando no Guaje, e depois outra bala pegou a testa do outro polícia, na testa dele. Pegou. Aí ele morreu.

Aí meu avô ficou lá deitado, olhando, chorando, chorando. Aí depois disse: “Não, não vou mais chorar. Eu sou homem também. Se eu morrer, morre.” Aí começou. Começou a briga. Parou. Saiu outra hora. Começou de novo.

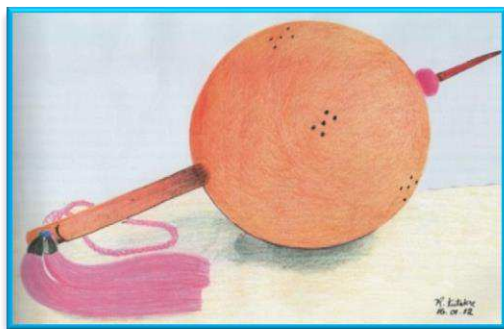


Imagem 07: Representação do maracá, instrumento ritualístico de grande importância para o povo Canela. Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Aí, depois disso, aí o Doroteu lembrou e disse para os grupos: “Olha, você vai buzinar a buzina, e outro vai sacudir o **maracá**, e vamos tocar mesmo.” Aí começou buzinando e sacudindo o maracá. E outro, a música aí, igualzinha. E parou, parou de atirar. Aí o polícia entrou também.

Depois, os Guaje foi embora, não aguentaram. O Guaje disse assim: “Agora que chegou o índio mermo guerreiro, nós não pode aguentar, porque se não aguentar nós vamos morrer tudinho, porque esse pessoal é danado. Nós vamos embora.” Eles foram se embora, foi se embora. É isso que eu me ouvi.

(Arcanjo Iky Canela, 2025)

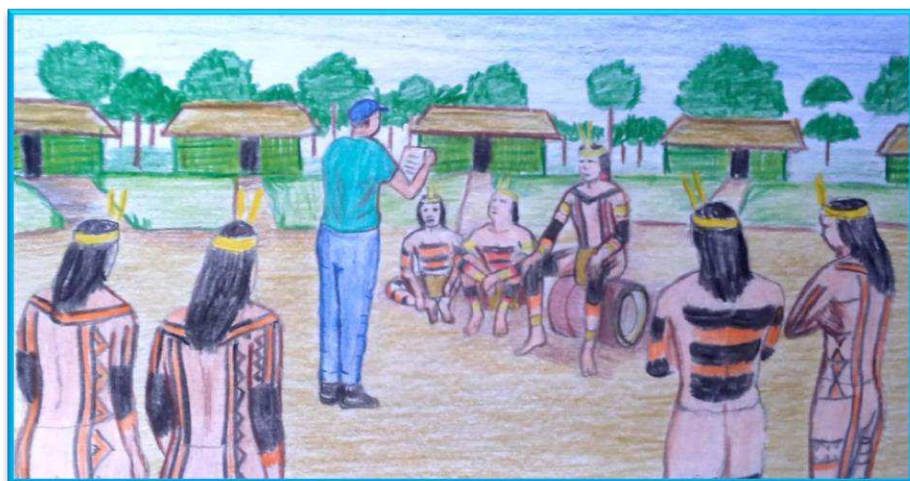


Imagem 08: Mensageiro lendo a carta no pátio da Aldeia.
Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

Já o entrevistado Ricardo Kutakrê Canela contribui com uma versão mais resumida, mas igualmente importante, sobre a atuação dos Canela no conflito, destacando a iniciativa dos militares de Barra do Corda ao convocar a aldeia e a retirada dos Guajajara diante do avanço dos Canela:

Então, num certo dia, havia essa briga, principalmente por essa violência que os povos Guajajara cometeu, matando os padres, matando, e assim já fazia mais de uma semana. E o

chefe do Barra do Corda mandou um portador chamar o povo Canela, e eles foram no local.

E eles estavam só acompanhando um grupo de policial, e o policial não conseguia entrar. Por sua vez, ele chamou um capitão chamado Cadete e falou para ele que é a vez do povo enfrentar essa violência, e assim que eles avançar, eles vão acompanhar. Assim que eles vão preparar, eles vão acompanhar.

E assim, quando eles foram, o Cadete falou que eles vão chegar lá, principalmente por volta de 12h00. E nessa hora os Canela foram, e todo mundo se combinou, e de uma vez só começou a gritar, com principalmente a buzina, e com as flautas, e um grito.

E assim, os povos Guajajara, assim, tiveram com medo de que esses é um povo que são mais corredores. E assim: “Eu não quero que ninguém se ferir, porque eles correm demais, gente, vão embora.” E eles foram.

E assim, o grupo de policiais chegaram lá no local, encontrando os outros acidentado, atirados. E mesmo assim, o outro Guajajara, uma mulher que estava lá com espingarda, matou um policial. Os padres estavam cortados. Os padres são todos cortados.

(Ricardo Kutakrê Canela, 2025)



Imagem 09: Indígenas Canela se dirigindo para Barra do Corda após sua convocação - Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela.

A memória do povo Canela sobre o Massacre de Alto Alegre é contada de maneira viva por meio da oralidade. Essas histórias mostram sentimentos de dor, resistência e também de luta contra o esquecimento. Muitas vezes, os livros de história não registram o que os indígenas viveram, mas suas palavras guardam esses acontecimentos com força e significado.

Entre os relatos ouvidos durante as entrevistas, destaca-se a fala de Ari Karompey Canela. Ele conta que os Canela participaram do conflito tentando conter a violência e proteger seu povo. Para Ari, lembrar dessa história é também uma forma de cobrar respeito e reconhecimento por parte da sociedade envolvente. Ele acredita que os Canela tiveram um papel importante para evitar que o conflito tomasse proporções ainda maiores, mesmo que esse esforço continue sendo pouco reconhecido nas versões mais conhecidas dos fatos. Essa fala reforça o quanto é importante ouvir os povos indígenas e valorizar suas formas próprias de lembrar, contar e viver a história.

Ao ser questionado sobre a participação dos Canela no conflito, Ari narra:

No primeiro contexto que meu avô contava, dos Guajajara, que tinha uns frades trabalhando com eles lá. E tinha igreja e tudo lá no Alto Alegre. Eles educava os Tenetehára Guajajara, as crianças deles, que diz que maltratava, e por devido isso, eles entraram em consenso para atacar os frades. E assim foram atacados. E a polícia não conseguiu vencer a batalha lá com o Guajajara e mandaram uma carta. Na época, o índio não tinha a leitura como hoje tem. Aí, através de algum índio que já estava estudando, indígena Canela, estudando, e conseguiram ler e explicaram, falaram para ele. Aí o coronel pediu a força. Aí os índios daqui, os Canela, ouviram e foram. E aí chegaram no Barra do Corda. Lá deram armas.



Imagem 10: Indígenas Canela reunidos com as forças policiais em Barra do Corda.

Ilustração de Ricardo Kutakrê Canela

Nesse tempo, o índio não sabe usar o arma e tudo. Aí eles foram para Alto Alegre e chegaram lá, né? Aí tinha uns instrumentos na época, o musicais. Aí o índio Canela começaram a tocar instrumento musical, e os Guajajara

ficaram com medo. Aí eles se espalharam, né? Até que eles conseguiram pegar um, alguns deles, e os policiais pegaram também, através dos índios Canela. Não foi o policial que venceu o batalha. Se não fosse o Canela, Barra do Corda não existiria, tinha sido tomado pelos índios Guajajara. E até hoje a história do nosso povo vem sendo abafado. E a gente necessita que essa história seja contemplado na história da sociedade não indígena, porque os Canela sempre foram os guerreiros, sempre lutou. Até hoje é o povo que tem resistência de na época, e até hoje também. E tem a mesma força. E a gente continua lutando pelo nosso direito. Só que o nosso direito está sendo... escondidos. E a gente precisa.

(Ari Karompey Canela, 2025)

Nas histórias contadas pelos Canela sobre o Conflito de Alto Alegre, é possível perceber que eles se veem como protagonistas dessa história. Muitas falas mostram os Canela como guerreiros estratégicos e defensores do seu território, valorizando o modo como enfrentaram a situação com coragem e sabedoria.

Instrumentos como buzinas, cantos e músicas tradicionais aparecem nos relatos como formas usadas durante o conflito. A força e a velocidade dos guerreiros Canela, lembradas por muitos, inclusive por pessoas de outros povos, mostram o respeito e até o medo que inspiravam, o que reforça o papel importante que tiveram na região.

Uma frase repetida por várias pessoas durante as entrevistas foi: "Se não fosse o povo Canela, Barra do Corda não existiria." Essa frase mostra como o povo Canela quer ser reconhecido pela sua contribuição histórica. Mais do que lembrar o conflito, eles usam essa memória como forma de afirmar quem são, de fortalecer sua identidade e de lutar contra o esquecimento.



Imagem 11: Recuperação de Alto Alegre pela perspectiva de Ricardo Kutakrê Canela

Ao contar a própria história com suas palavras, os Canela mostram outra visão dos acontecimentos. Suas narrativas não são apenas lembranças, mas formas de resistir e de exigir que sua presença e sua importância sejam reconhecidas por toda a sociedade.

Contudo, se percebe uma ruptura *intergeracional* no processo de transmissão da memória oral. O caso dos entrevistados Alex Kahkum Canela (23 anos) e Sallo Ruc Canela (21 anos) é emblemático nesse sentido. Ambos afirmaram desconhecer completamente os acontecimentos relacionados ao Conflito de Alto Alegre. Essa ausência

GLOSSÁRIO

Intergeracional

Refere-se às relações, trocas e aprendizados que acontecem entre diferentes gerações, como entre os mais velhos (anciãos) e os mais jovens.

de conhecimento entre os jovens contribui com a hipótese desta pesquisa sobre o silenciamento progressivo das narrativas indígenas, por mecanismos externos (como os discursos oficiais, escolares e religiosos que impõem outras versões dos fatos), e também por falhas internas na continuidade da oralidade, possivelmente relacionadas ao impacto da modernização, à urbanização crescente e à mudança nos rituais de transmissão cultural tradicional.

É importante ressaltar, entretanto, que esse silenciamento não se apresenta de forma absoluta. Outros jovens, como Paulo Santiago Canela (18 anos), embora com menos informações, demonstrou ter escutado fragmentos da história por meio de seus avós, ainda que sem domínio pleno da narrativa.

Sua fala revela a existência de ecos do passado, transmitidos de forma parcial e fragmentada, o que aponta para um estado de transição da memória oral.

Eu acho que sim. Eu me lembro de alguma coisa que meu avô me disse. Ele disse que eles participaram, mas, olha, eu não vou mentir, pois eu não posso dizer que eu sei. Eu não sei muitas informações.

(Paulo Santiago Canela, 2025).

Já Ruth Pakrit Canela (29 anos), trouxe uma narrativa alternativa, influenciada por sua vivência acadêmica e pelo contato com estudantes Guajajara, ao afirmar que os Canela teriam sido convidados a participar do ataque inicial, e não da repressão ao massacre. Esse relato revela a presença de múltiplas versões em circulação, o que fortalece a oralidade como campo dinâmico e conflituoso de significações.

O que eu ouvi é o contrário do que o povo Canela fala. Eu soube que o povo Guajajara chamaram os Canela para participar desse massacre. Mas não foi nada a ver com a polícia, foi assim que me disseram. Foi na faculdade que eu

convivi muito com o povo Guajajara, e eles me contaram a história. E eu já tinha esse olhar diferente também dos mais velhos, com os Guajajara. E aí foi uma coisa que eu não gostava deles, como me ensinaram. Mas, com o tempo, eu convivendo com os Guajajara na faculdade, aí eles me disseram sobre essa história de massacre de Alto Alegre. A gente viu o filme que eles colocaram lá para a gente olhar o que aconteceu, qual a versão de cada um deles. E eu vi que cada um tem sua forma de explicar, né? de contar essas histórias. E eu sei que os Guajajara não atacaram porque quiseram, porque a história diz uma coisa, mas a realidade é outra.

(Ruth Pakrit Canela, 2025)

Esse relato ajuda a entender que a memória não é algo fixo ou igual para todos. Ao contrário, ela pode mudar conforme os contextos, as experiências e os encontros com outros grupos. Na escola e na universidade, espaços de convivência entre diferentes povos, as pessoas podem descobrir novas versões da história, refletir sobre elas e até mudar a forma como enxergam o passado.

Assim, a história não é feita só de livros, mas também de conversas, encontros, filmes, experiências e, principalmente, da oralidade, que é viva, dinâmica e cheia de diferentes significados. Isso mostra que é muito importante ouvir as várias vozes que fazem parte da construção da nossa memória coletiva.

Quando questionados sobre a relação dos indígenas Canela com os Guajajara após o conflito, a maioria dos entrevistados relatou que os dois povos permaneceram durante alguns anos sem contato direto, evitando-se mutuamente. Com o passar do tempo, no entanto, as relações foram sendo gradualmente restabelecidas, como afirma José Carlos Kryt Canela:

Depois desse conflito, os Guaje mais o Canela não se falava, mas com o tempo a amizade tá normal.

(José Carlos Kryt Canela, 2025)

Apesar dessa aparente reaproximação, foi possível perceber, em conversas informais com os mais velhos da aldeia, que ainda persiste um certo ressentimento histórico entre os dois grupos étnicos. Um exemplo disso ocorreu durante a entrevista com o ancião Arcanjo Iky Canela, que inicialmente demonstrou resistência em participar da pesquisa, expressando diversas preocupações e receios quanto às possíveis consequências da publicação dos relatos. Segundo ele, o resgate dessas memórias poderia reacender ressentimentos entre os Guajajara, o que, em sua visão, traria o risco de novos conflitos.

Por outro lado, entre os mais jovens, esse ressentimento não é tão evidente. Ainda que muitos relatem serem ensinados a manter distância dos Guajajara, eles demonstram uma postura mais aberta ao diálogo e à convivência. A fala de Ruth Pakrit Canela explicita essa tensão geracional:

E eu já tinha esse olhar diferente também dos mais velhos, com os Guajajara. E aí foi uma coisa que eu não gostava deles, como me ensinaram.

(Ruth Pakrit Canela, 2025).

Outros entrevistados mais jovens, como Iago Jakjê Canela e Paulo Santiago Canela, também afirmaram não nutrir qualquer sentimento de inimizade em relação aos Guajajara, revelando a existência de novas formas de relação entre os povos, marcadas por transformações nas experiências e percepções interétnicas ao longo do tempo.

Dessa forma, as entrevistas realizadas com os indígenas Canela confirmam o argumento central desta pesquisa: a memória sobre o Conflito de Alto Alegre é atravessada por tensões profundas entre lembrança e esquecimento, entre orgulho e silêncio, entre diferentes versões que disputam legitimidade dentro e fora das aldeias. Essa memória fragmentada e plural reflete tanto os efeitos de silenciamentos impostos por narrativas oficiais e instituições coloniais, quanto os desafios contemporâneos enfrentados pelas comunidades para manter viva sua história através das gerações.



**Reflexão: Como a memória dos Canela
pode fortalecer a identidade indígena hoje?**

A memória para os Canela é uma força que reafirma sua identidade e impede que sua história seja apagada. Ao transmitir rituais, lutas e experiências, os mais velhos fortalecem os jovens e mantêm viva a cultura. Como a escola muitas vezes silencia os povos indígenas, é essencial abrir espaço para que contem suas próprias versões. Quando sua história é reconhecida e valorizada, a autoestima cresce e a identidade indígena se fortalece. Preservar a memória é, portanto, um ato de resistência e continuidade cultural.



2.5

Por que os Canela lutaram ao lado dos sertanejos?

A participação dos Canela, mais especificamente do grupo Ramkokamekrá, ao lado dos sertanejos e dos missionários no Conflito de Alto Alegre, em 1901, é um dos temas mais delicados e, muitas vezes, pouco falados na história desse episódio.

Para entender essa decisão, é muito importante não fazer julgamentos apressados. Precisamos olhar para o contexto da época, cheio de desafios, alianças, rivalidades e estratégias que os povos indígenas usavam para garantir sua sobrevivência.

Os Canela, assim como outros povos indígenas, não eram grupos isolados, nem “parados no tempo”. Pelo contrário, são povos que, ao longo dos séculos, aprenderam a negociar, conviver, fazer alianças e até resistir às ameaças externas para proteger suas terras e seu povo. Eles já tinham uma relação de convivência com os moradores não indígenas da região de Barra do Corda, como missionários, comerciantes e autoridades. Essa relação tinha momentos de paz, trocas comerciais e também acordos para evitar conflitos.

Quando aconteceu o ataque dos Guajajara à missão de Alto Alegre, as autoridades da região pediram ajuda aos Canela para formar uma expedição punitiva, ou seja, um grupo armado para reagir e punir os responsáveis pelo ataque. Os Canela aceitaram esse pedido por vários motivos. Um deles foi a rivalidade antiga entre os Canela (grupo Timbira) e os Guajajara (grupo Tenetehara). Essas rivalidades surgiram por conta de disputas por território e conflitos que já aconteciam antes, entre os próprios povos indígenas. Isso mostra que, assim como qualquer outro povo, os indígenas também viviam situações complexas. As relações entre eles nem sempre eram pacíficas e, às vezes,



envolveram alianças com não indígenas como uma estratégia para proteger sua própria comunidade.

Outro motivo que ajuda a entender por que os Canela participaram do Conflito de Alto Alegre tem a ver com uma aliança estratégica com os poderes da região, como os missionários e os sertanejos. Ao aceitar ajudar nesse conflito, os Canela buscavam garantir proteção, reconhecimento e até algum tipo de vantagem, como segurança para seu território e sua comunidade. Era, na verdade, uma forma de evitar que eles próprios se tornassem vítimas da violência que estava acontecendo na região.

Naquele tempo, muitos povos indígenas foram forçados a tomar decisões muito difíceis: ou colaboravam com os grupos que dominavam a região (como a Igreja, o governo e os colonos) ou corriam o risco de serem perseguidos, atacados e até exterminados. Isso não significa que concordavam com tudo ou que estavam submissos, mas sim que muitas vezes faziam isso como uma estratégia para sobreviver em meio às ameaças constantes.

Ademais, é importante lembrar que tanto os missionários capuchinhos quanto os sertanejos faziam pressão sobre os povos indígenas. Eles criaram a ideia de que existiam “índios bons” os que obedeciam, aceitavam a catequese e colaboravam e “índios maus” aqueles que resistiam e queriam manter suas tradições e autonomia. Assim, os Canela que aceitaram colaborar passaram a ser vistos como “civilizados” e “fiéis”, enquanto os Guajajara foram classificados como “bárbaros” e perigosos. Esse pensamento reforçava os interesses dos poderosos da época e até influenciava quem teria acesso a terras, ajuda e recursos.

Mas é muito importante destacar que nem todos os Canela participaram desse episódio. Muitos ficaram longe do conflito. Até hoje, esse assunto gera silêncio e até desconforto em algumas famílias da comunidade Canela Ramkokamekrá. Diferente das festas e dos

rituais que são lembrados com orgulho, a participação no Conflito de Alto Alegre não é um tema fácil de ser falado por todos.

Por isso, é importante abordar esse tema com sensibilidade e respeito, pois, quando os Canela se aliaram aos sertanejos, eles estavam tentando preservar sua comunidade, sua cultura e sua autonomia, ainda que, para isso, tivessem que tomar decisões dolorosas em um contexto de grande injustiça.

2.6

O silêncio na escola: por que não aprendemos essa história?

Quando pensamos em como a história do Brasil é ensinada nas escolas, percebemos que muitos acontecimentos importantes simplesmente não aparecem nos livros didáticos, nas provas ou nas salas de aula. O Conflito de Alto Alegre, por exemplo, dificilmente é conhecido por estudantes ou até mesmo por professores. E isso não acontece por acaso. O silêncio em torno dessa história faz parte de um processo mais amplo de apagamento das experiências e das vozes indígenas na formação da memória nacional.

Durante muito tempo, a educação brasileira foi estruturada para valorizar apenas uma versão da história: a dos colonizadores, dos governantes, dos “heróis” oficiais. Nessas narrativas, os povos indígenas muitas vezes aparecem apenas no início da colonização como personagens secundários e depois desaparecem, como se tivessem sido derrotados ou “absorvidos” pela sociedade brasileira. Esse tipo de ensino ajuda a reforçar a ideia equivocada de que os indígenas pertencem ao passado e que não têm lugar no presente. Como consequência, episódios como o Conflito de Alto Alegre são deixados de lado, escondidos ou distorcidos.



Outro motivo para esse silêncio é que a versão mais divulgada sobre o conflito foi a da Igreja Católica, que retratava os missionários como mártires e os indígenas como agressores bárbaros. Essa narrativa foi fortalecida por imagens, documentos religiosos e discursos que circularam amplamente no Maranhão e em outras regiões. Já a versão dos Guajajara, que mostra o ataque como um ato de resistência contra a opressão cultural e religiosa, não teve espaço nos livros nem na imprensa. E a perspectiva dos Canela, por sua vez, ficou envolta em silêncio e ambiguidade, sendo pouco discutida até mesmo nas próprias comunidades escolares indígenas.

A escola, muitas vezes, reproduz esse silenciamento sem questionar. Fala-se muito das grandes guerras europeias, dos imperadores, dos tratados e das datas comemorativas, mas quase nada sobre os conflitos internos que marcaram o Brasil, especialmente aqueles envolvendo a luta dos povos originários pela defesa de seus territórios, culturas e modos de vida. E quando essas histórias aparecem, normalmente são contadas do ponto de vista de quem venceu, não de quem resistiu.

Felizmente, isso tem mudado. Desde a aprovação da Lei 11.645/2008, tornou-se obrigatório o ensino da história da cultura afro-brasileira e indígena em todas as escolas. Essa lei é um avanço importante, mas para que ela saia do papel, é preciso que professores, estudantes e comunidades se mobilizem para incluir outras vozes no currículo, valorizar saberes tradicionais e contar as histórias que foram silenciadas por tanto tempo.

Ao trazer o Conflito de Alto Alegre para a sala de aula, estamos rompendo com o silêncio histórico, dando nome aos protagonistas esquecidos e mostrando que a história do Brasil também é feita de resistência, diversidade e luta por justiça. É uma oportunidade de aprendermos que a verdade não está apenas nos livros, mas também nas

memórias orais, nas histórias contadas pelos mais velhos, nas tradições mantidas com esforço e coragem pelas comunidades indígenas.

Mais do que preencher uma lacuna no conteúdo escolar, abordar esse tema é uma atitude pedagógica antirracista. É ensinar com empatia, escuta e compromisso com a construção de uma sociedade mais justa. É, sobretudo, reconhecer que todos têm o direito de contar e aprender sua própria história, especialmente aqueles que por muito tempo foram impedidos de fazê-lo.



Reflexão: Qual a importância de ouvir as histórias que não foram contadas nos livros?

Essa pergunta pode ser registrada no caderno com uma resposta livre ou guiada por palavras-chave como: memória, justiça, diversidade e escuta.





Proposta de Atividade

Se essa história fosse ensinada na escola desde cedo, o que você acha que mudaria?

Os estudantes devem escrever um pequeno parágrafo respondendo:

-O que aprenderiam sobre os povos Canela e Guajajara?

-Como isso mudaria a forma como veem a história indígena?

-Por que é importante conhecer histórias que foram silenciadas?

Depois, os alunos compartilham suas respostas em roda e o professor monta um mural chamado: “Se a escola contasse essa história...”

Objetivo:

Estimular a reflexão sobre os efeitos do silenciamento histórico e sobre a importância de incluir histórias indígenas no currículo escolar. Desenvolver empatia, consciência crítica e a percepção de que o conhecimento escolar é uma construção que pode e deve ser transformada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, n. 75, 2017.

ALVES PEREIRA, A., Sousa Carvalho do Nascimento, F.-L., de Oliveira Paula, A. M., Oliveira Lima, J., & Gomes de Oliveira Silva, L. (2022). A memória no processo de (re)construção histórica e identitária dos povos indígenas emergentes. *Conjecturas*, 22(12), 873-885. Disponível em: <<https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1610>>. Acesso em 31/03/2023.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. Povos Timbira, territorialização e construção de práticas políticas em cenários coloniais. *Revista de História*, São Paulo: Universidade Federal de Campina Grande, n. 168, pag. 244-270, 2013.

BARROS, José D'Assunção. História e Memória: Uma questão de abordagens. Petrópolis: Vozes, 2005. BERGAMASCHI, M. A. Memória: entre o oral e o escrito. *História da Educação (UFPel)*. Pelotas - RS, v. 6, n.11, p. 131-146, 2002.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. O ENSINO DE HISTÓRIA PARA POPULAÇÕES INDÍGENAS. Em Aberto, Brasília, v. 14, n. 63, p.105-116, set. 1994. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2289/2028>>. Acesso em: 03 Jan. 2025. BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRANDES, Galeno E. Barra do Corda na História do Maranhão. São Luís, SIOGE, 1994.

BRASIL. Constituicao da Republica Federativa do Brasil: D.O. 5 de outubro de 1988. Disponivel em: <www.mec.gov.br/legis/default.shtm>. Acesso em: 05 jul. 2025.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educacao Nacional. Lei numero 9394, 20 de dezembro de 1996. BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de marco de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no curriculo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da tematica "Historia e Cultura Afro-Brasileira e Indigena". Diario Oficial da Uniao: secao 1, Brasilia, DF, 11 mar. 2008. Disponivel em : <http://www.planalto.gov.br> . Acesso em: 03/01/2025 as 13:53h
BRASIL. Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850. Dispoe sobre as terras devolutas do Imperio. Disponivel em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l0601-1850.htm>. Acesso em: 18 mar. 2022.

_____. Ministerio da Educacao. Secretaria da Educacao Basica. Base nacional comum curricular. Brasilia, DF, 2017.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Cultura com aspas e outros ensaios. Sao Paulo: Cosac Naify, 2009. CARNEIRO, Jose. Historia Indigena e a Construcão da Cidadania no Brasil . Sao Paulo: Editora Cultura Viva, 2018.

CASTRO, Eduardo Viveiros. No Brasil todo mundo e indio, exceto quem nao e. In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany (Org.) Povos Indigenas do Brasil - 2001/2006. Sao Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. P. 41 - 49.

COELHO, Elizabeth M. B. A Territorios em Conflito: A dinamica da disputa pela terra entre indios e brancos no Maranhao. Sao Paulo, HUCITEC, 2002.

_____. A politica indigenista no Maranhao provincial. Sao Luis: SIOGE, 1990. 236 p.

CROCKER, William H. O movimento messianico dos Canelas: uma introducao . In: ATA DO SIMPOSIO SOBRE A BIOTA AMAZONICA , vol. 2: Antropologia, Rio de Janeiro, 1967. Traducaao de Maria Cristina Serra Teixeira. Reproduzido com autorizacao do autor

_____. The Canela: Vinculos por meio do parentesco, ritual e sexo . Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1990.

CRUZ, Olímpio M. da. Caiure Imana, o Cacique Rebelde. Brasilia, Thesaurus, 1982.

EVERTON, Aretusa Brito Ribeiro Penha. Indigenas no Sertao de Aguas da Capitania do Maranhao: "dezinfestacao" na Ribeira do Alto Mearim . Dissertacao (Mestrado em Historia) - Universidade Estadual do Maranhao, Sao Luis, 2021.

EVERTON, Carlos Eduardo Penha. Hoje e amanha celebrai a historia para encarnar-vos no povo: os embates de memoria sobre o Conflito de Alto Alegre. Dissertacao (Mestrado em Historia, Ensino e Narrativas). Universidade Estadual do Maranhao, Sao Luis, 2016.

GOMES, Mercio Pereira. O indio na historia: o povo tenetehara em busca da liberdade. Petropolis: Editora Vozes, 2002.

GOMES, Mercio Pereira. Os Indios e o Brasil. Sao Paulo: Contexto, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pos-Modernidade. Traducaao de

Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONOMICAS E SOCIAIS (IPES). O massacre de Alto Alegre. Sao Luis: Governo do Estado do Maranhao, 1981.

LE GOFF, Jacques. Historia e Memoria . Traducao de Bernardo Leitao e Eliana Lourenco de Lima Reis. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. Manual de Historia Oral. Sao Paulo. Ed Loyola, 1996.

MONZA, Bartolomeo da. O massacre de Alto Alegre. Milao: Tipografia Fratelli Lanzari, 1908.

NASCIMENTO, Franc-Lane Sousa Carvalho do. Historia, interculturalidade e a valorizacao social e educacional do festejo junino maranhense. RECC, Canoas, v. 26 n. 2, 01-15, ago., 2021.

NIMUENDAJU, Curt. The Eastern Timbira. University of California Press, Berkeley e Los Angeles, 1946. NIMUENDAJU, Curt. The Eastern Timbira . Publicacoes da Universidade da California em Arqueologia e Etnologia Americanas, vol. 41, 1946.

O NORTE. A hecatombe. Barra do Corda, 24 mar. 1901. Apud: CRUZ, Olímpio M. da. Caiure Imana, o Cacique Rebelde. Brasilia, Thesaurus, 1982, p.130.

_____. Efeitos da Expedicao. Barra do Corda, 13 abr. 1901. Apud: CRUZ, Olímpio M. da. Caiure Imana, o Cacique Rebelde. Brasilia, Thesaurus, 1982, p.127.

O PORVIR. Civilisacao dos indios. Barra do Corda, n. 7, 21 fev. 1897. Disponivel em:

<https://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

O ZEPHYRO. Os indios. Caxias, n. 8, 20 jul. 1901. Disponível em: <https://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

OLIVEIRA, Adalberto L. R. Ramkokamekrá-Canela. Dominacao e Resistencia de um Povo Timbira no Centroeste Maranhense. Dissertacao de Mestrado em Antropologia Social.(mimeo) Campinas, IFCH - UNICAMP, 2002.

_____. Canelas e Cristaos: Relacoes Interetnicas no Centroeste Maranhense. Relatorio Final de Pesquisa. UFMA-FAPEMA. Sao Luis, junho de 1998.

OLIVEIRA, Ana Paula. Repensando o Ensino de Historia: A Inclusao dos Povos Indigenas no Curriculo Escolar Brasileiro . Brasilia: Editora Academica, 2010.

PACOTILHA. Alto Alegre. Sao Luis, n. 72, 25 mar. 1901. Disponível em: <https://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>. Acesso em: 6 jan. 2025.

_____. Uma desgraça. Sao Luis, n. 69, 21 mar. 1901. Disponível em: <https://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>. Acesso em: 6 jan. 2025.

_____. Uma desgraça. Sao Luis, n. 70, 22 mar. 1901. Disponível em: <https://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

POLLAK, Michael. Memoria e Identidade Social. Estudos



Historicos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, p. 200-210, 1992.

_____, Michael. Memoria, Esquecimento, Silencio. Traducao de Dora Rocha Flaksman. Estudos Historicos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIBEIRO, Darcy. Os indios e a civilizacao: a integracao dos indigenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Mariana. Os Povos Originarios e o Ensino de Historia: Perspectivas para uma Educacao Antirracista . Porto Alegre: Editora Pensamento Critico, 2020.

SILVA JUNIOR, J. A. da. O Messianismo Ramkokamekrá: uma pequena introducao. (mimeo). Sao Luis, UFMA/CCH/DAS, 2003.

_____. Awkhe Ressignificado: Os Movimentos Messianicos Canela. Monografia de Bacharelado. Sao Luis, UFMA, 2006.

VANSINA, Jan. História oral: tradição oral como história. Tradução de Lúcia M. C. Bruno. São Paulo: EDUSC, 2010.

